

EGAS MONIZ

Do Valor e da Saudade

DISCURSO PROFERIDO NA INAUGURAÇÃO DO
OBELISCO DE HOMENAGEM AOS SOLDADOS
DO CONCELHO DE ESTARREJA MORTOS NA
GRANDE GUERRA, EM 17 DE JUNHO DE 1922.

EDIÇÃO DA
CÂMARA MUNICIPAL DE ESTARREJA
1922

Do Valor

e da Saudade

MUNICIPIO DE ESERREJA ARQUIVO MUNICIPAL

MUNICÍPIO DE ESTARREJA ARQUIVO MUNICIPAL

DO VALOR E DA SAUDADE

MUNICÍPIO DE ESTARREJA ARQUIVO MUNICIPAL

DISCURSO PROFERIDO PELO SR. DR. EGAS MONIZ NA
INAUGURAÇÃO DO OBELISCO DE HOMENAGEM AOS
SOLDADOS DO CONCELHO DE ESTARREJA MORTOS
NA GRANDE GUERRA, EM 17 DE JUNHO DE 1922.

ILUSTRAÇÕES DE NILVA ROCHA

MUNICIPIO DE ESTARREJA ARQUIVO MUNICIPAL

DEPOSITARIO, EM LISBOA, CASA VENTURA
ABRANTES, LIVRARIA EDITORA—RUA
DO ALECRIM, 80 E 81.



Dr. EGAS MOSIZ

Correspondencia trocada entre o Presidente da Comissão Executiva da Câmara Municipal de Estafreja, sr. dr. António Tavares Afonso e Cunha, e o sr. dr. António Caetano de Abreu Freire Egas Moniz, a propósito da presente edição.

MUNICIPIO DE ESTARREJA AROQUIVO MUNICIPAL

Il.^l e Ex.^l Senhor Doutor António Caetano
de Abreu Freire Egás Moniz:

Tenho a honra de levar ao conhecimento de V. Ex.^a que a Comissão Executiva da Câmara Municipal tomou na sua sessão de hoje a seguinte resolução, votada por unanimidade:

«A solenidade do descerramento do padrão á memória dos soldados dêste Concelho, mortos na Grande Guerra, e mais festas dessa piedosa e patriótica comemoração, tornando para nós memorável o dia 17 do corrente, foram assinaladas pelo discurso publicamente proferido junto ao Monumento pelo Ex.^l Sr. Dr. Egás Moniz, Ministro que foi dos Estrangeiros e primeiro Presidente da Delegação Portuguesa á Conferência da Paz, homem público e estadista de valor de que nos devemos orgulhar, por ser natural dêste Concelho.

Êsse discurso, com que honrou as nossas festas comemorativas, a todos pareceu, como na realidade é, uma peça literária de valor, urdida em fina e delicada forma de novela, que sensibilizou e fez vibrar de comoção a alma do nosso povo e o encorajou de fé, esperança e abnegação para cimentar com o seu sangue e com a sua vida á manutenção da independência e da soberania do nosso velho Portugal, todas as vezes que os altos interesses da Pátria assum o reclamem.

Foi uma peça oratória que bem merece ser lida e refletida pelo nosso povo na despreocupação dos serões de família, quando de inverno crepitam as fogueiras na lareira e, á volta delas, se fia o linho da nosa lavoura e rememoram as histórias da nossa tradição.

Por isso e no desejo de prestar um bom serviço ao levantamento do sentimento das virtudes cívicas e militares no nosso meio rural, e accedendo também aos desejos da comissão do obelisco, resolve que se officie Ex.^{mo} Snr. Dr. Egas Moniz, pedindo-lhe a cedência do seu discurso escrito, e a concessão a esta Câmara Municipal — a do seu Concelho — de o deixar imprimir com a fotografia d'ele orador, com o desenho do obelisco-padrão, e com as fotografias de todos os soldados homenageados na apoteose da sua oração, caso esta Câmara as possa obter, () assim de o distribuir pelas famílias dos mortos, pelas escolas do Concelho, e também autorizar a venda dos restantes volumes, para juntar o seu producto á subscrição do monumento, que ainda não está coberta nem disso se aproxima*.*

E, submetendo á ponderação de V. Ex.^a o pedido formulado, aguarda a deferência da resposta.

Saude e fraternidade.

Estarreja, 21 de junho de 1922.

O presidente :

ANTÓNIO TAVARES AFOONSO E CUNHA.

(*) Infelizmente não se poderam conseguir as desejadas fotografias. Os heróis do Concelho de Estarreja nem sequer essa recordação deixaram ás pessoas que lhe foram caras!

II.^o e Ex.^o Sr. Presidente da Comissão Executiva
da Camara Municipal de Estarreja:

Penhorou-me em extremo a imerecida resolução tomada por V. Ex.^o de divulgar o meu despretencioso discurso pronunciado nessa Vila na inauguração do obelisco aos Mortos do nosso Concelho na Grande Guerra, e que ficará como uma baliza patriótica através dos tempos a atestar o desinteressado amor dos nossos conterrâneos á Pátria portuguesa.

Não mereciam as minhas palavras tão elevado encómio, pois alcançam assim a máxima consagração. Nem maior honra eu poderia ambicionar-lhes, do que verem a ser lidas pelas mãos dos nossos herois mártires! Tive propósitos bem mais modestos. Destinei-as apenas a ecoarem fugitivamente entre os que me escutaram, como o esboço de um hino patriótico em louvor dos que comemorámos e um sincero tributo de gratidão ás saudades que deixaram.

V. Ex.^o, convidando-me a associar-me a essa festa, a mais bela a que assisti na minha terra, deram-mé o grande prazer espiritual de sentir unissono com aqueles que na inauguração do interessante monumento tinham o primeiro lugar e as maiores honras: as Famílias dos que se nobilitaram morrendo pela Pátria. E já que a Câmara Municipal de Estarreja resolveu dar-me tão elevada demonstração de amizade — nem de outra forma se justificaria a decisão tomada — obedeço gostosamente á

indicação de V. Ex.ª, deixando-lhes completa liberdade na elaboração da edição que projectam publicar.

Peço, porém, licença para ocorrer ás suas despesas, oferecendo-as á Câmara como contribuição pessoal ao fim patriótico a que se destina.

Espero que V. Ex.ª me não privem desta honra.

Saude e Fraternidade.

Lisboa, 25 de Junho de 1922.

ANTÓNIO CAETANO DE ABREU FREIRE EGAS MONIZ.

MUNICÍPIO DE ESTARREJA ARQUIVO MUNICIPAL

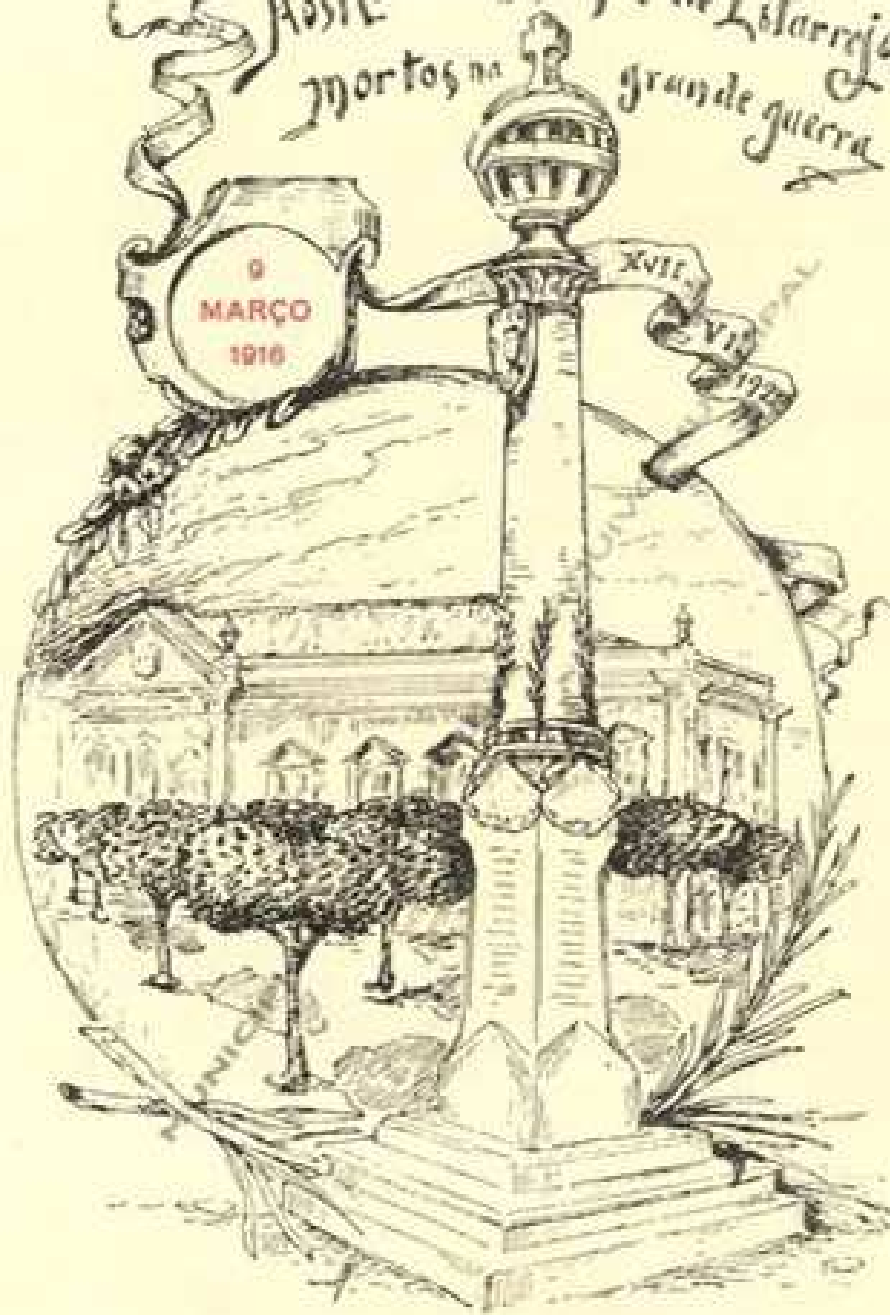
Livro de oiro do Concelho de Estarreja

Relação dos Soldados do Concelho
de Estarreja mortos na Grande
Guerra.

GRATIDÃO ETERNA DO
MUNICÍPIO ESTARREJENSE.

MUNICIPIO DE ESTARREJA ARQUIVO MUNICIPAL

Aos Heróicos Filhos de Estarreja
mortos na grande guerra



Soldados do Concelho de Estarreja

MORTOS EM COMBATE OU DE DOENÇAS
CONTRAIDAS EM CAMPANHA, EM FRANÇA E
EM AFRICA, DURANTE A GRANDE GUERRA.

1916

ADELINO MARIA HENRIQUES, filho de José Agostinho Henriques e de Isabel Maria da Silva, da Fonte de Baixo de Veiros, n.º 298 da 9.ª Companhia de Infantaria 24. Alistou-se a 14 de Janeiro de 1913. Morto em 14 de Dezembro de 1916.

FIRMINO MARQUES, filho de António Marques e de Maria Josefa Marques, de Santo Amaro de Beduído, soldado n.º 172 da 10.ª Companhia de Infantaria 24. Alistou-se a 14 de Janeiro de 1915. Morto em 2 de Outubro de 1916.

JOAQUIM MANUEL DE MATOS, filho de António Joaquim de Matos e de Maria da Natividade, do Monte da Murtosa, n.º 103 da 3.ª Companhia de Pontoneiros. Alistou-se a 15 de Janeiro de 1915. Morto em 5 de Novembro de 1916.

JOÃO ESTEVES, filho de António Lourenço Esteves e de Miquelina Antónia Tavares, das Toufegas do Bunheiro, soldado n.º 213 da 12.ª Companhia de Infantaria 24. Alistou-se a 13 de Janeiro de 1915. Morto em 16 de Outubro de 1916.

MANUEL LUÍS LOPES, filho de Manuel Maria Lopes e de Maria Victória, do Ribeiro da Murtosa, soldado n.º 234 da 10.ª Companhia de Infantaria 24. Alistou-se a 13 de Maio de 1913. Morto em 14 de Junho de 1916.

1917

AGOSTINHO MARIA DE PINHO, filho de Manuel Maria de Pinho e de Isabel Maria da Silva, do Agro do Bunheiro, soldado n.º 238 da 12.ª Companhia de Infantaria 24. Alistou-se a 14 de Maio de 1915. Morto a 16 de Maio de 1917.

ANASTÁCIO DE MATOS, filho de Joaquim Maria de Matos e de Maria Luisa Lopes, do Curval de Pardilhó, soldado n.º 93 da 9.ª Companhia de Infantaria 24. Alistou-se a 13 de Janeiro de 1913. Morto a 18 de Janeiro de 1917.

ANTÓNIO NUNES BEIRÃO DE ALMEIDA, filho de Manuel Nunes Beirão de Almeida e de Maria de Almeida, da Corre-doura de Fermelã, soldado n.º 388 da 9.ª Companhia de Infantaria 24. Alistou-se a 17 de Maio de 1913. Morto a 15 de Outubro de 1917.

ANTÓNIO LOPES, filho de Joaquim da Silva Lopes e de Rosa da Silva Tavares, do Seixo de Avanca, soldado n.º 37 da 10.ª Companhia de Infantaria 24. Alistou-se a 12 de Maio de 1915. Morto a 26 de Junho de 1917.

ANTÓNIO DA SILVA CAVADO, filho de Manuel Rodrigues da Silva Cavado e de Maria Rosa Dias de Oliveira, da Rua da Fonte de Canelas, soldado n.º 354 da 10.ª Companhia de Infantaria 24. Alistou-se a 12 de Maio de 1915. Morto a 26 de Junho de 1917.

ANTÓNIO DA SILVA, filho de José da Silva e de Maria Marques Couto, do Outeiro do Coval de Beduido, soldado n.º 373 da 3.ª Companhia de Infantaria 24. Alistou-se a 14 de Janeiro de 1912. Morto em 28 de Julho de 1917.

ANTÓNIO VALENTE, filho de Manuel António Valente e de Maria de Oliveira, de Monte de Baixo de Pardilhó, soldado n.º 75 da 11.ª Companhia de Infantaria 24. Alistou-se a 15 de Janeiro de 1913. Morto a 25 de Agosto de 1917.

BÁRTOLO JOAQUIM FARINHAS, filho de Gonçalo António da Silva Farinhas e de Maria José Valente de Almeida, do Ribeiro da Murtosa, soldado n.º 85 da 4.ª Companhia de Pontoneiros. Alistou-se a 14 de Janeiro de 1915. Morto a 30 de Janeiro de 1917.

FIRMINO DA SILVA PATACA, filho de Clementina da Silva Pataca, de Pardilhó, 2.º cabo n.º 171 da 10.ª Companhia de Infantaria 24. Alistou-se a 14 de Janeiro de 1915. Morto a 28 de Junho de 1917.

FLORIANO GOMES DA LUZ, filho de José Maria da Luz e de Gra-
cinda Augusta Neves, da Rua de S. Martinho de Sal-
reu, soldado n.º 116 da 2.ª Companhia de Infantaria 24.
Alistou-se a 14 de Maio de 1912. Morto em 14 de Se-
tembro de 1917.

FRANCISCO MARIA DA SILVA, filho de Manuel José da Silva e de
Maria José Marques, do Ribeiro da Murtosa, soldado
n.º 365 da 12.ª Companhia de Infantaria 24. Alistou-se
a 13 de Maio de 1914. Morto em 16 de Fevereiro de
1917.

FRANCISCO DOS ANJOS, filho de Maria dos Anjos, da Valada de
Avanca, soldado n.º 156 da 9.ª Companhia de Infan-
taria 24. Alistou-se a 15 de Janeiro de 1913. Morto em
2 de Setembro de 1917.

JOÃO TAVARES, filho de João Maria Tavares e de Caridade de Je-
sus, de Pardelhas da Murtosa, soldado n.º 102 da 3.ª
Companhia de Ponteneiros. Alistou-se a 15 de Janeiro
de 1915. Morto em 11 de Março de 1917.

JOAQUIM MARIA DA SILVA, filho de João Agostinho da Silva e de
Maria Antónia Antão de Souza, de S. Simão do Bu-
nheiro, 2.º cabo n.º 316 da 9.ª Companhia de Infanta-
ria 24. Alistou-se a 13 de Maio de 1913. Morto em 16
de Abril de 1917.

JOAQUIM TAVARES, filho de Caetano Joaquim Tavares e de Joaquina Marques Pires, do Barreiro d'Além de Beduido, soldado n.º 385 da 2.ª Companhia de Infantaria 24. Alistou-se a 12 de Janeiro de 1916. Morto em 23 de Maio de 1917.

JOSÉ MARIA DE MATOS, filho de Cândido José de Matos e de Maria Francisca da Silva Covas, de S. Simão do Bunheiro, soldado n.º 365 da 10.ª Companhia de Infantaria 24. Alistou-se a 13 de maio de 1913. Morto em 12 de Abril de 1917.

JOSÉ MARIA RUIVO, filho de Manuel Antonio Tavares Ruivo e de Maria José Tavares Branco, do Celeiro do Bunheiro, soldado n.º 356 da 9.ª Companhia de Infantaria 24. Alistou-se a 13 de Maio de 1913. Morto em 21 de Abril de 1917.

LÁZARO DA SILVA DE MATOS, filho de Constantino da Silva de Matos e de Ana Rosa da Silva Esteves, da Breja de Baixo do Bunheiro, soldado n.º 113 da 9.ª Companhia de Infantaria 24. Alistou-se a 13 de Janeiro de 1914. Morto em 27 de Fevereiro de 1917.

MANUEL ANTÓNIO AFONSO E CUNHA, filho de Domingos António Afonso e Cunha e de Maria Rosa Tavares, da Breja de Baixo do Bunheiro, soldado n.º 67 da 9.ª Companhia de Infantaria 24. Alistou-se a 13 de Janeiro de 1914. Morto em 14 de Maio de 1917.

MANUEL AUGUSTO DE AGUIAR, filho de José Maria Rodrigues de Aguiar e de Joaquina Rodrigues da Cruz, do Picoto de Canelas, soldado n.º 269 da 11.ª Companhia de Infantaria 24. Alistou-se a 14 de Janeiro de 1913. Morto em 17 de Junho de 1917.

MANUEL FERNANDES CHOPELO, filho de Joaquim Maria Fernandes Choupelo e de Maria da Silva, do Outeiro Alto do Bunheiro, soldado n.º 333 da 10.ª Companhia de Infantaria 24. Alistou-se a 12 de Janeiro de 1914. Morto em 17 de Novembro de 1917.

MANUEL JOÃO, filho de Manuel José Vieira e de Maria Augusta, do Monte da Murtosa, soldado n.º 383 da 3.ª Companhia de Infantaria 24. Alistou-se a 14 de Maio de 1912. Morto em 7 de Outubro de 1917.

MANUEL LOPES VALENTE, filho de José Maria Lopes Valente e de Maria de Jesus Valente de Almeida, do Celeiro de Pardilhó, soldado n.º 137 da 9.ª Companhia de Infantaria 24. Alistou-se a 12 de Maio de 1914. Morto em 19 de Agosto 1917.

MANUEL PINHO, filho de Francisco António Pinho e de Joana Lopes Valente Canhóto, de Pardilhó, soldado n.º 66 da 11.ª Companhia de Infantaria 24. Alistou-se a 13 de Maio de 1912. Morto em 20 de Julho de 1917.

1918

ALBERTO PADINHA, filho de Manuel Maria da Silva Padinha e de Maria José de Miranda, da Murtoza, soldado n.º 105 da 3.ª Companhia de Ponteneiros. Alistou-se a 15 de Janeiro de 1915. Morto em 12 de Fevereiro de 1918.

ALFREDO DA COSTA, filho de Manuel Pereira da Costa e de Maria José da Silva, da Murtoza, soldado n.º 581 da 3.ª Companhia de Infantaria 24. Alistou-se a 14 de Janeiro de 1912. Morto em 12 de Março de 1918.

AMÉRICO DA SILVA, filho de Joaquim António da Silva e de Ana Rodrigues, do Curval de Pardilhó, soldado n.º 135 da 1.ª Companhia de Infantaria 24. Alistou-se a 14 de Janeiro de 1912. Morto em 12 de Março de 1918.

ANTÓNIO FERREIRA, filho de Joana Ferreira, do Casal de Salreu, soldado n.º 306 da 10.ª Companhia de Infantaria 24. Alistou-se a 14 de Maio de 1914. Morto em 14 de Outubro de 1918.

ANTÓNIO FRAGOSO, filho de José da Silva Fragoso e de Ludovina Valente de Matos, do Monte de Cima de Pardilhó, soldado n.º 48 da 10.ª Companhia de Infantaria 24. Alistou-se a 14 de Maio de 1912. Morto em 9 de Outubro de 1918.

ANTÓNIO MARIA BRACINHA, filho de António Tavares Bracinha e de Maria Rosa de Almeida, de Canelas, 1.º cabo n.º 598 da 2.ª Companhia de Infantaria 31. Alistou-se a 17 de Junho de 1916. Morto em 12 de Março de 1918.

ANTÓNIO RUELA VALENTE, filho de João Guedes Ruela Valente e de Custódia Tavares Cirne, de S. Silvestre do Bunheiro, soldado n.º 289 da 2.ª Companhia de Infantaria 24. Alistou-se a 14 de Janeiro de 1916. Morto em 15 de Novembro de 1918.

DOMINGOS LOUREIRO, filho de Maria Pereira Loureiro, de Agua Levada de Avanca, soldado n.º 414 da 8.ª Bateria de Artilharia 2. Alistou-se a 9 de Julho de 1914. Morto em 14 de Dezembro de 1918.

DOMINGOS MARIA DE OLIVEIRA, filho de José Joaquim Fernandes de Oliveira e de Rosária de Oliveira, de Pardelhas da Murtosa, 1.º cabo n.º 545 da 3.ª Companhia de Infantaria 24. Alistou-se a 13 de Janeiro de 1915. Morto em 13 de Março de 1918.

DOMINGOS PEREIRA DE MATOS, filho de Francisco Pereira de Matos e de Maria Custódia Marques, de Submoinhos de Avanca, soldado n.º 214 da 3.ª Companhia de Infantaria 24. Alistou-se a 12 de Abril de 1917. Morto em 23 de Outubro de 1918.

GONÇALO ANTÓNIO DE PINHO, filho de José Augusto de Pinho e de Maria Joaquina da Silva, de Santa Luzia de Veiros, soldado n.º 415 da 3.ª Companhia de Infantaria 24. Alistou-se a 14 de Janeiro de 1916. Morto em 13 de Março de 1918.

JOÃO AGOSTINHO BANDEIRA, filho de José Agostinho da Silva Bandeira e de Maria Joaquina da Silva, de Cabeças de Veiros, soldado n.º 200 da 10.ª Companhia de Infantaria 24. Alistou-se a 14 de Maio de 1916. Morto em 19 de Outubro de 1918.

JOÃO LOPES DOS SANTOS, filho de Joaquim Lirio Lopes dos Santos e de Ana Rosa da Silva, do Casal do Bunheiro, soldado n.º 183 da 4.ª Companhia de Ponteneiros. Alistou-se a 14 de Janeiro de 1916. Morto em 30 de Abril de 1918.

JOAQUIM RODRIGUES DE PINHO, filho de João Rodrigues de Pinho e de Ana Marques, do Campo de Beduido, soldado n.º 467 da 2.ª Companhia de Infantaria 24. Alistou-se a 15 de Maio de 1916. Morto em 26 de Junho de 1918.

MANUEL JOSÉ LIRÃO, filho de Joaquim da Silva Lirão e de Maria da Silva, da Murtosa, soldado n.º 363 da 10.ª Companhia de Infantaria 24. Alistou-se a 13 de Maio de 1916. Morto em 13 de Maio de 1918.

MANUEL JOSÉ DOS SANTOS, filho de António Joaquim dos Santos, do Bunheiro, soldado n.º 974 da 5.ª Bateria da Artilharia Montada. Alistou-se a 9 de Julho de 1914. Morto em 20 de Abril de 1918.

MANUEL MARIA DE OLIVEIRA E SILVA, filho de José Manuel de Oliveira e Silva (o Cigano) e de Ana José Marques, soldado n.º 203 da 3.ª Companhia de Infantaria 23. Alistou-se a 12 de Abril de 1917. Morto em 18 de Outubro de 1918.

MANUEL MARIA DA SILVA, filho de José Maria da Silva e de Ana Maria Marques de Azevedo, da Povoia de Cima de Beduído, soldado n.º 312 do 1.º Batalhão de Infantaria 35. Alistou-se a 17 de Junho de 1916. Morto em 13 de Março de 1918.

MANUEL DE OLIVEIRA CALADO, filho de Manuel Pedro Fernandes de Oliveira e de Maria Emília Valente de Almeida, do Outeiro da Marinha de Beduído, soldado n.º 356 da 1.ª Companhia de Infantaria 24. Alistou-se a 7 de Janeiro de 1916. Morto em 18 de Setembro de 1918.

MANUEL REZENDE, filho de José Rezende e de Ana Maria Rodrigues, de Salreu, soldado n.º 312 da 2.ª Companhia de Infantaria 24. Alistou-se a 14 de Janeiro de 1916. Morto em 19 de Janeiro de 1918.

MÁRIO DA SILVA, filho de Manuel da Silva Junior e de Maria de Jesus Pinheiro, da Póvoa de Cima de Beduido, soldado n.º 514 da 1.ª Companhia de Infantaria 6. Alistou-se a 17 de Junho de 1916. Morto em 6 de Setembro de 1918.

ROBERTO PINTO, filho de Joaquim Dias Pinto e de Maria Rosa Domingues, da Rua da Fonte de Canelas, soldado n.º 483 da 1.ª Companhia de Infantaria 24. Alistou-se a 14 de Janeiro de 1916. Morto em 10 de Janeiro de 1918.

RODRIGO RODRIGUES MARTINS, filho de Manuel Rodrigues Martins e de Ana Maria Valente de Almeida, do Monte de Cima de Pardilhó, soldado n.º 472 da 3.ª Companhia de Infantaria 24. Alistou-se a 15 de Maio de 1916. Morto em 7 de Agosto de 1918.

TERCIO ROIZ DE ALMEIDA, filho de Manuel Roiz de Almeida e de Mariana Marques, da Carapinheira de Salreu, 1.º cabo n.º 49 de Sapadores Mineiros. Alistou-se a 21 de Agosto de 1913. Morto em 27 de Novembro de 1918.

1919

AMERICO DE QUADROS, filho de Maria Amália de Quadros, da Rua Direita de Canelas, 2.º sargento n.º 218 da 3.ª Companhia de Infantaria 23. Alistou-se a 15 de Abril de 1917. Morto em 7 de maio de 1919.

JOSÉ DOS SANTOS, filho de Jose Maria Dias dos Santos e de Elisa Maria de Jesus, da Sardinha de Avanca, 1.º cabo n.º 310 do 5.º Grupo de Administração Militar. Alistou-se a 29 de Julho de 1914. Morto em 5 de Março de 1919.

MANUEL MARIA VIEIRA, filho de Manuel da Silva Vieira e de Maria Augusta, de Beduído, soldado n.º 542 da 4.ª Companhia de Infantaria 24. Alistou-se a 18 de Dezembro de 1916. Morto em 3 de Abril de 1919.

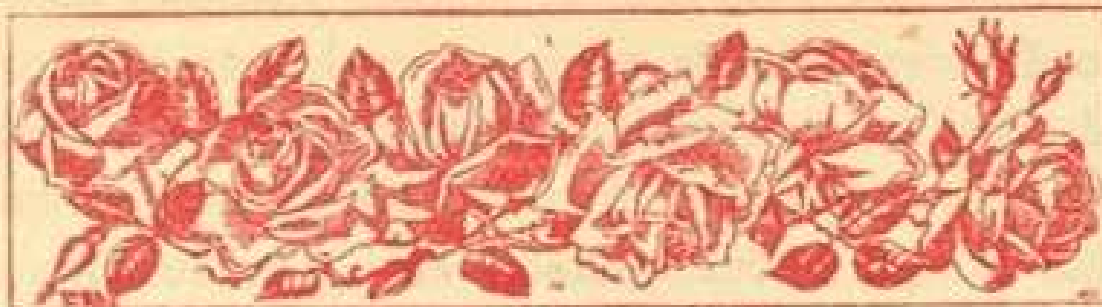
MUNICIPIO DE ESTARREJA ARCHIVO MUNICIPAL

DO VALOR E DA SAUDADE

MUNICÍPIO DE ESTARREJA ARQUIVO MUNICIPAL



MUNICIPIO DE ESTARREJA ARQUIVO MUNICIPAL



MUNICÍPIO DE CATAPUANA ARQUIVO MUNICIPAL

SENHOR PRESIDENTE DA CÂMARA:
ILUSTRES OFICIAIS DO EXÉRCITO:
MÍNHAS SENHORAS:
MEUS SENHORES:

NAQUELA manhã de inverno o sol rompêra por
sôbre as serranias, a que as névoas do levante
davam contornos imprecisos, numa explosão de
luz ensanguentada. . .

Logo de madrugada a família se levantara num
rumor de azáfama de partida. Na sacola do soldado

marinhão fôram metidas as ultimas provisões para a jornada e, em sítio de maior resguardo, as recordações mais queridas da família. A mãe, a quem as lágrimas punham vibrações de ternura no olhar, entregára-lhe a coroa em que á noite salmodiavam a reza do serão e a irmãsita mais nova, déra-lhe num longo abraço, em que havia carinhos de filha, a sua jóia mais rica, a medalha que meses antes lhe ofereceram a quando da primeira comunhão.

O pai, que presumia de forte, lembrava com entono os seus tempos do serviço militar e a conversa foi-se animando com a chegada dos parentes e vizinhos que deviam acompanhar á Estação o jovem soldado.

Fez-se a caminhada em ar de procissão. Havia ditos e remoques, todo um propósito de disfarces a encobrir uma saudade que se ia avigorando quanto mais se aproximavam da Vila.

Na «gare» entrechocavam-se os grupos das familias dos que partiam num sussurro velado e frio. E enquanto o esbelto marinhão teimava em mostrar-se indiferente naquela refrega sentimental, garantindo que em breve voltaria de França cheio de medalhas e de divisas, havia momentos de recolhimento invencível . . .

Chegara o combóio, silvando estridente numa atmosfera húmida e nevoeirenta. Emocionado abraçou os pais e as pessoas da comitiva. E como uma lágrima

forcejasse em rolar pela face tismada pela maresia, a mão de uma rapariga entregou-lhe um lenço como última recordação. Não sabia escrever, mas conseguira dizer-lhe tudo na marca que lhe puzera: dois coraçõezitos unidos e trespassados por uma seta, tudo tracejado a linha vermelha num bordado ingénuo de mãos de aldeã.

Agradeceu-lhe com um olhar que valia um madrigal seiscentista e encaminhou-se apressadamente para o compartimento, o bernal ao ombro, numa precipitação de quem fóge.

O comboio pôs-se em marcha e á janela, em pinha, com os outros companheiros, num unissono de adeuses, ouviu-se um clamor que todas as bôcas acompanharam: — até á volta! — Depois o nosso marinhão desfraldou o lenço, onde parecia haver uma gota de sangue, e acenou . . . acenou . . . até se perder na atmosfera esbranquiçada daquela manhã em que os rôlos de fumo da locomotiva punham a sugestão da cabeleira grisalha de um gigante que corresse á desfilada.



NA carruagem houve um momento de silêncio. Êsses rapazes a quem a mocidade dava a alegria franca da nossa raça folgasã, concentraram-se na expectativa duma demorada nostalgia que começavam a sentir naquele

momento, olhos presos á fita de agua do Antuã que rapidamente se sumira e que avultava de tal sorte, como se os separasse para sempre da aldeia bem-amada um desconhecido oceano de mágoas e incertezas.

E, sem saberem porquê, começaram a cantar. Primeiro um, depois os outros, e os versos da Portuguesa animaram a carruagem num clarão de sentido patriotismo:

Heróis do mar, nobre povo . . .

E o hino tomou alento, cresceu de vibração, quando elles entoaram:

*Elevantai hoje, de novo,
O esplendor de Portugal!*

E como se quizessem afogar as suas saudades no cântico sagrado da Pátria, elevavam a voz, recrudesciam de entusiasmo e, transformados de camponeses em soldados, os olhos divagando por maiores alturas, a alma encendida em nova chama, tomavam um ar altivo e marcial, como se, impulsionados pela melhor das crenças, estivessem cumprindo o dever da oração matinal.

•
• •

A chegada ao Quartel foi uma efusão de abraços e de confidências. Os amigos que ficaram ou chegaram de outras paragens davam novas, pediam novas, e todos se misturavam na algazarra gárrula dos grandes momentos de confraternização.

Abertas as sacolas, expostos os farneis que mãos carinhosas nélas deposeram, ficaram pertença de todos. Naquela tarde o Quartel transformou-se numa romaria em que trinavam, por vezes, os acordes estrídulos das violas das nossas aldeias. Os rapazes da beira-mar arrancharam a um lado e bofaram desgarradas ao desafio, motejando do perigo, troçando dos submarinos, rindo e cantando como em festa de arraial.

Mais tarde, à hora crepuscular, desceram sobre as suas almas excitadas as penumbras das recordações dos lares distantes, da labuta do campo interrompida, das canceiras do trabalho da Ria, dos adeuses da partida, dos olhos doces que enternecidamente os fitaram na hora do apartamento . . .

Sacudidos, porém, pela necessidade de ultimarem os preparativos para o embarque que devia efectuar-se no dia seguinte, cobraram ânimo e voltaram-se, com uma intensidade heróica, para os seus deveres militares.



O vapor acostara á muralha do cais. Vimo-los entrar na primeira expedição, resignados e altivos, saudosos e fortes, orgulhosos da elevada missão que iam cumprir, como aqueles seus antepassados que em caravelas enfunadas demandaram as costas de Diu!

Quando da largada, revoou uma hossana colossal de vivas á Patria!

E se houve lágrimas, elas não brotaram dos olhos dos que partiam!

Logo á saída da barra todos se revezaram na vigilância do mar que só a alguns era oficialmente confiada.

Não os amedrontava a morte. O soldado português nunca temeu esse acidente! Mas seria inglório morrer sem chegar á terra de França onde iam mostrar o seu desinterêsse, o seu valor, o seu espirito de sacrificio sem igual!

Já se respirava a guerra por esse mar em fora e, á luz clara do sol ou á escassa poeira luminosa das noites estreladas, esquecido o que o coração sentia, só os guiava o norte do seu destino de combatentes. Descendentes dos

que, em frágeis bateis sulcaram os ignorados mares, irmãos dos que agora atravessam os ares até hoje nunca fendidos por outras azas, conhecendo o risco, mas não o receando, alcançaram o porto de Breste, sem que os inimigos pudessem inutilizar o seu esforço indómito, a sua corajosa audácia, o seu valor nunca desmentido.



O DESEMBARQUE em terras de França, em manhã umbrosa de inverno, com o frio penetrante a enregelar os músculos não habituados áquelas intempéries, foi uma apoteose ao triunfo dos marinheiros que conseguiram furtar-se ás iras dos monstros de aço que rastejavam pelo fundo dos mares.

E como houvesse urgência em que seguissem para o sector que lhes estava destinado, imediatamente se formaram os combóios militares que os arrastaram através das intermináveis *prairies* do norte da França.

Uma vez, já na zona de guerra, tiveram que pernoitar em quartéis franceses. De noite, ouve-se, de súbito, o latido homérico da artilharia anti-aérea, denunciando a aproximação dos aviões inimigos. Os holofotes cruzam nos ares os feixes luminosos, como olhares prescrutadores de fantásticos titans.

Todos se comprimem nas caves, escassas para tanta

gente. Ouve-se o estampido formidável dos torpedos que caem deflagrando tempestades de metralha. Ha um ruido ensurdecedor. Terra e céu se combatem. Os regougos dos canhões e o estampido das bombas confundem-se num unissono trágico de explosões continuas. A terra treme com o fragor da insólita contenda.

Há nos rostos dos novos combatentes vincos de raiva na impotência de se poderem associar aos que defendem a Pátria, agora comum, a França heróica e martir. E todos anceiam pelas horas de combate e sacrificio!

Manhã alta regressam ás tarimbas abandonadas e o sono matinal vem trazer a muitos desses valorosos soldados a consolação de sonhos felizes em que se sentem transportados á sua aldeia em episódios de vespas de orago, com foguetes a estralejarem continuamente!



A' alvorada, o nosso soldado marinhão pôde distinguir através das janelas do quartel uma imensa toalha de prata reluzente a cobrir os campos e pétalas de rosas brancas a cairem interminavelmente. Era uma nova natureza que lhe falava, com aspectos de andores de festa em cada grupo de árvores e lágrimas estalactisadas pendentes dos telhados com reflexos de cristal antigo.

Depois o sol veio iluminar os campos e os se olhos, ávidos de luz meridional, puderam ver faiscar como gemas preciosas as gotas perladas das arvores, a florirem em espumas alvinitentes.

Dai a pouco, enquadrados nos seus regimentos, seguiram a caminho dos seus postos. Que longa jornada por sôbre a neve fôfa e pegadiça, com um vento norte a fustigar as carnes, resistentes á fadiga, mostrando, com galhardia, o valor do seu esforço, sentindo o orgulho lusitano a impulsioná-los, como se a energia heroica dos guerreiros de Ourique e Aljubarrota se tivesse acumulado no seu cérebro e pulsasse no seu coração!

DE posto em posto, de aldeia em aldeia, de ruina em ruina, alcançaram finalmente as catacumbas da Flandres, essas trincheiras escuras e húmidas que foram na Grande Guerra o teatro das maximas façanhas, o plano mais alto dos mais provados sacrificios, o altar sagrado onde se sublimaram as maiores heroicidades.

Tudo ali é miseria, lodo e lama; mas a alma do soldado anda mais alta do que as estrelas!

Esvoaçam por aqueles corredores estreitos e zigzagueantes, que aram a terra em todos os sentidos, as sombras luminosas dos que os santificaram com a morte.

Não há cruzes por aqueles caminhos a recordarem os crimes que ali se perpetraram; mas a memória dos herois nunca se apagará dos corações dos que por ali arrastaram a vida durante meses intermináveis.

Diz-se que houve moços que ali envelheceram em semanas; que os vincos das faces lhes trouxeram aspectos de senectude. Nada, porém, conseguiu destruir a mocidade dos nossos marinhões!

O seu ardor combativo dava forças inesperadas aos seus músculos entorpecidos pelo frio nos postos de vigi-
lância e os seus olhos incendiavam-se de uma nova luz nas horas violentas das refregas. Em frente a *terra de ninguém*, atrás a muralha do dever do soldado português que sabe morrer, mas não sabe fugir!

O nosso soldado marinhão ficou no sector de *Neuve-Chapelle*. Da pequena cidade francesa apenas havia memória nas ruínas das casas desmanteladas e nos destroços de alguns modestos monumentos. Só no escavado calvário que sobranceava a cidade ficara um Cristo intacto, suspenso da sua cruz de madeira que uma granada inimiga conseguira atingir, mas que a respeitou não explodindo.

Ao cair da tarde, quando a luz começava a esmae-

cer, dando tonalidades tristes á paisagem, o nosso soldado marinhão escondido numa dobra da trincheira, elevava os olhos até á cruz e vivia, na contemplação do Cristo abandonado, as crenças da sua infância, repetindo as orações ingénuas que lhe ensinara sua mãe. E recordava a Igreja da sua aldeia e o Lar distante onde áquella hora, as bocas dos que mais lhe queriam resavam por êle as Ave-Marias da tarde.

NA madrugada do dia 9 de abril a artilharia inimiga inicia a sua obra de destruição. Os nossos respondem com energia; mas o bombardeamento inimigo aumenta de intensidade em arremetidas de metralha. A terra, onde os nossos se abrigam, é revolta em todos os sentidos. As trincheiras desmantelam-se, perdem a regularidade, tornam-se anfractuosas. Por fim obstruem-se, reduzem-se a pedaços, deixam de ter ligações.

O arame farpado das defesas, voa pelos ares como se fosse o fio ténue de uma teia delicada.

As brechas do terreno cruzam-se irregulares e profundas em todos os sentidos. Os cadáveres amontoam-se. Alguns ficam ali—suprema gloria!—para sempre soterrados.

Os nossos soldados buscam novos resguardos a

coberto das tortuosidades do terreno, acumulam-se dentro das largas crateras que a metralha improvisa e ripostam constantemente. Há um ruído ciclópico, avassalador, em que se mistura o troar do canhão, o deflagrar das bombas, o monótono estralejar das metralhadoras e da fusilaria, com os gritos de raiva dos combatentes e os gemidos aflitivos dos decepados.

Tudo ali é sangue, tudo ali é dor, tudo ali é odio!

Às 8 da manhã as forças inimigas, cobertas pela barragem e ocultas pelo nevoeiro, saltam os parapeitos e avançam em vagas, as armas em bandoleira, a baioneta armada, precedidas de metralhadoras ligeiras em constante acção.

As primeiras são ceifadas pelos nossos. Outras se lhes sucedem. Depois outras, outras ainda. As da rectaguarda substituem ou reforçam as da frente. E seguem sempre, sem olhar a sacrificios de homens e munições. Vencem, por fim, a resistência dos portuguezes que sabem redimir com a morte a descomunal desproporção numérica dos combatentes.



○ soldado marinhão lutou até final encarniçadamente. Da trincheira passou a novos abrigos, aproveitando os fossos do terreno remexido, fazendo fogo, ani-

mando os companheiros, resistindo sempre. Por fim foi atingido em pleno peito pela metralha inimiga. O sangue jorra aos borbotões. Procura estancá-lo com um lenço e grita:

— Rapazes, não desanimeis! É para a frente!

E dispoz-se a vender caro o pouco de vida que lhe restava.

— Canalhas! vociferou.

E como se sentisse desfalecer, apertou com mais força o lenço sobre o peito. Reparou então que, bem juntos ao seu, estavam dois coraçõesitos trespassados que mãos carinhosas tinham bordado...

E os seus olhos pararam em êxtase e os seus pensamentos voaram, num lampejo, até terras de Estarreja. Primeiro transformaram-se em beijos, a dentro do seu Lar e, em seguida, foram bater docemente á janela da sua namorada, onde os primeiros cravos punham a nota rubra do pronúncio da primavera, para lhe dizer um suavíssimo e último adeus...

Depois, meio em delíquio, querendo ainda animar-se para o combate, ergueu, num arranco, o busto esbelto e bradou:

— Viva Portugal!

E tombou para sempre.

• • •

A COMEMORAÇÃO que acaba de fazer-se aos soldados do nosso Concelho, mortos no campo da honra, é o cumprimento de uma dívida sagrada que enaltece os que a levaram a cabo.

Ouso, porém, propor um complemento que deixo á apreciação dos que me escutam e, em especial, da vereação estarrejense.

Ali dentro, numa das salas dos nossos Paços do Concelho, deve ser colocada uma lápide de granito, a pedra regional, símbolo rígido da nossa nacionalidade, hoje a mais antiga do mundo, pois ha quasi oito seculos que conserva invariáveis as suas fronteiras. Nessa lápide devem inscrever-se os nomes de todos os nossos contemporâneos mortos em combate ou ceifados pelas doenças em terras de França e nas nossas colónias de Africa, durante a Grande Guerra.

Todos os anos, em 9 de abril, os professores primários do nosso Concelho ali virão, com os seus alunos, em piedosa romagem. Que esses nomes sejam por eles e por nós todos lidos, repetidos e decorados !

Serão apelidos de uma autêntica nobreza, alicerçada nos sacrificios e sublimada nos heroismos dos que souberam morrer, com honra, por Portugal.

E esses cinquenta e seis nomes, lidos, repetidos e decorados, embora sem ritmo e sem rima, soarão aos nossos ouvidos como as mais belas estrofes de Camões!

DISSE.

MUNICÍPIO DE ESTARREJA ARQUIVO MUNICIPAL

INDICE

CORRESPONDENCIA	Pag. 5
LIVRO DE OIRO DO CONCELHO DE ESTARREJA	11
Soldados mortos em 1916	13
Soldados mortos em 1917	15
Soldados mortos em 1918	20
Soldados mortos em 1919	25
DO VALOR E DA SAUDADE	27

ACABADO DE IMPRIMIR NA IMPRESSA LIBANIO
DA SILVA, TRAVESSA DO FALIA-Nº, 24, LISBOA
TIRAGEM DE QUINHENTOS EXEMPLARES.

MUNICIPIO DE ESTARREJA ARQUIVO MUNICIPAL